



De Moscou, Com Classe

GEORGE FEIFER



Franca, temperamental, brilhante, Maya Plisetskaya transforma o balé num espetáculo que entusiasma e deixa fascinadas platéias dos dois lados da Cortina de Ferro

COMO estudante e jornalista em Moscou, meu momento mais inesquecível foi o primeiro encontro que tive com Maya Plisetskaya, a melhor bailarina do mundo e, provavelmente, a mulher mais conhecida na União Soviética. Quando ela dança — Paris, Nova York, Tóquio, Estocolmo, Milão — os seus fãs formam fila durante a noite inteira para comprar entradas. É solista do Bolshoi há

quase 30 anos. Há filmes a seu respeito. Críticos em todo o mundo têm exultado com as exhibições desta artista, completamente disciplinada, cujo desempenho parece, contudo, perfeitamente natural.

Nós nos conhecemos no Teatro Bolshoi. Pelo seu rosto, de algum modo de feições marcantes e ossudo, dir-se-ia que uma energia nervosa tivesse gasto qualquer grama supérfluo de carne. A cascata pesada dos seus cabelos era de um castanho avermelhado, os olhos oblíquos esverdeados. O seu sorriso, uma revista russa descreveu-o como «ligeiramente predatório, levemente travesso, extraordinariamente magnético».

«Que deseja de mim?» pergunta ela agora sem sorrir. «Quem vai me fotografar para o seu artigo? Em Moscou não existe um único fotógrafo que possa encarregar-se do meu retrato. É a padronização de tudo», diz ela com desgosto. É contra isto que ela se opõe em tudo na vida. Não tenho resposta. Muitos amigos meus em Moscou sentem o mesmo a respeito do país, contudo esta é a primeira pessoa que entrevistei que ousou falar sobre a Rússia tão francamente, sem pedir que o comentário não seja publicado. Mas o sorriso reaparece. Ela explica que não pode esconder os seus sentimentos. Sorri de novo e aperta minha mão. Plisetskaya é incessantemente temperamental, o que, é claro, é uma das qualidades que faz sua dança maravilhosa.

Nasceu em Moscou, em novembro

de 1925. Aos três anos imitava papéis importantes de balés contemporâneos com música de rádio e vitrola no apartamento dos pais. «Seu talento para o balé era óbvio», recorda Asaf Messerer, seu tio, que foi um dos principais dançarinos do Bolshoi neste século. «Maya foi bailarina tão logo pôde ouvir música e mexer as pernas.»

A mãe de Plisetskaya, Ra Messerer, foi estrela dos antigos filmes silenciosos do cinema soviético. Outro irmão de Ra foi um ator ilustre do Teatro de Arte de Moscou. Uma irmã, Elizaveta, foi uma atriz típica importante. O pai de Plisetskaya foi também um homem de posição considerável. Engenheiro, Mikhail Plisetsky tornou-se diretor da concessão da mina de carvão da ilha de Spitsbergen, na Noruega, onde serviu também como cônsul soviético.

O apartamento do avô Messerer, onde ela foi criada, ressoava constantemente com música, e Maya não podia ficar quieta na presença dela. Quando a ouvia na rua, ela dançava, provocando os primeiros aplausos de multidões. Aos oito anos foi aceita pela Academia Coreográfica de Moscou (Escola Bolshoi), onde rapidamente se tornou claro que iria ser uma bailarina extraordinária. «Além de tudo que a família e a sua criação lhe haviam proporcionado», diz Tio Asaf, «ela possuía qualidades únicas para o balé — precisão extraordinária, graça de movimentos, musicalidade soberba. Ela dançou papéis importantes na Escola

Bolshoi quase desde o princípio.»

Esta é a parte de conto de fadas da história da sua vida; a parte de horror viria logo depois, pois os primeiros anos de Plisetskaya na escola de dança foram os dos expurgos mais sanguinários de Stalin, dos quais poucas famílias de destaque escaparam. O pai foi fuzilado em 1937, a mãe passou seis meses na cadeia com o filho mais moço, Azari, um bebê de peito.

Então, em junho de 1941, os alemães invadiram. Ao arremessarem-se rapidamente para Moscou, muitas instituições culturais da capital foram evacuadas. Livre da prisão, Ra Messerer levou Maya e seus dois irmãos para Sverdlovsk, nos Urais, 1.600 quilômetros a leste. Maya permaneceu lá um ano, depois do qual partiu para Moscou sozinha. Foi uma façanha de grande audácia, habilidade e determinação nas condições de viagem terrivelmente difíceis da Rússia durante a guerra.

Naqueles dias, a entrada em Moscou estava proibida exceto aos cidadãos com autorização militar, que Maya, com 16 anos, não podia esperar obter. Enquanto contemplava o posto de fiscalização no limite da cidade, fortemente guardado, ela sentia tremores de desespero. Então observou um velho camponês dirigindo-se para lá, e sua «imaginação criativa», como diz ela, «funcionou pela primeira vez em minha vida». Postou-se ao lado do homem como se fosse sua filha, conversando enquanto os guardas os mandavam passar. «Ninguém

perguntou coisa alguma», diz ela. «Ninguém sonhava que uma garota magricela daquelas pudesse ter tanto topete.»

Ela voltou à Escola Bolshoi e, a despeito do ano perdido, formou-se em 1943, seu ano normal. Do fim da guerra em diante, papéis sucederam-se e triunfos seguiram-se a outros triunfos no Bolshoi, depois na Europa Oriental e, finalmente, no Ocidente. Outra vez a vida de Plisetskaya parece um conto de fadas. Mas para viajar para o Ocidente, e até mesmo para permanecer no elenco do Bolshoi, era preciso lutar com a burocracia cultural e política. Este assunto é oficialmente tabu, e, a despeito de toda a sua franqueza, Plisetskaya apenas insinua que a falta de «consciência partidária» em sua atitude ameaçou gravemente a sua carreira em diversas oportunidades.

Uma semana depois do nosso primeiro encontro, fui encaminhado à aula de balé de Plisetskaya. Hoje é um estúdio grande, superaquecido, num andar alto do Teatro Bolshoi. Há 30 dançarinos na barra: 29 homens, os principais solistas do Bolshoi, e Maya Plisetskaya. Ela está usando uma malha de um negro surpreendente, com as meias de *mohair* creme e maquiagem completa. Quando os exercícios de treinamento começam, ela toma o seu lugar no centro do palco. Naquele momento, ela estava dançando com cuidado, porque havia rompido um ligamento numa perna dois meses antes. Mesmo com essa

deficiência, a sua técnica era brilhante, formidável, incomparável: piruetas vertiginosas realizadas com uma facilidade que ilude os olhos, saltos sinuosos com a testa tocando a perna dianteira, rigidamente esticada, grandes elevações onde parece pairar no ar, como se desafiasse a gravidade — e, sempre, o maravilhoso trabalho de braços, que faz parecer que tem os ombros, pulsos e cotovelos de borracha. Entre exercícios sorri e tagarela com os bailarinos à sua volta.

Mas sempre que chega a sua vez, ela fica tensa outra vez: uma artista soberba, dando o máximo de si mesma. O suor surge-lhe no rosto. Ela enxuga-o com uma toalha azul-clara, sorri coquetemente, observa-se no espelho, e então faz uma série de saltos que poucas mulheres em qualquer parte, mesmo as *primas* do Bolshoi, gostariam de tentar.

«Sou o meu melhor crítico», diz ela, «porque vejo as minhas deficiências melhor que ninguém. O caso é que não estou apaixonada por mim mesma, o que significa que tenho possibilidade de aprender. E o que aprendo vem de dentro de *mim*. Sempre julguei Plisetskaya à distância, e, acredite-me, vejo as suas falhas.»

Ela casou-se em 1958 (aos 33 anos) com Rodion Shchedrin, um compositor jovem de sucesso. Interesses mútuos, atitudes e amigos os ligam firmemente. «Adoro Robik. Como não iria adorar? Ele é uma fonte de apoio imensa. É firme como uma rocha, sensato, diferente de mim.

Dedica toda a sua música a mim. E, é claro, fez a minha *Carmen-Suite*, a melhor coisa que aconteceu em minha vida!»

Carmen-Suite é sua cria, sua paixão, sua obsessão. Rodion Shchedrin adaptou para isto a música de Bizet; a coreografia é do cubano Alberto Alonso. É um balé «moderno», segundo os padrões soviéticos, com desvios ligeiros, mas destacados, dos movimentos do balé clássico. Para Plisetskaya, era a realização de um sonho ardente: ela acreditava que fora do palco, assim como nele, a sua personalidade refletia incomparavelmente a tempestuosa Carmen.

Mas à proporção que progrediam os ensaios para descobrir e solucionar problemas, algumas autoridades do Partido, segundo se afirma, desaprovaram o sabor ligeiramente moderno do balé. Ficaram chocadas e iradas com o comportamento «devasso» de Carmen. Ameaças foram dirigidas não só à *Carmen-Suite*, mas à própria carreira da intérprete. Não obstante, *Carmen-Suite* teve permissão para ser exibida.

A estréia foi no Bolshoi, a 14 de abril de 1967, e Plisetskaya, no papel-título, dançou apaixonadamente. Seu senso de triunfo naquela noite é compreensível — ela sentiu que tinha lutado e vencido não apenas a sua própria batalha, mas a de todos os «liberais» do Bolshoi. Companheiros de dança reconhecem que a reputação de Plisetskaya, sua impetuosa determinação e arrogância, saíram vencedoras naquele dia.

e tornaram possível aquela produção.

Um dia observei Plisetskaya preparar-se para interpretar *A Morte do Cisne*, no Palácio dos Congressos, em Moscou. O tornozelo ainda estava fraco, porém ela deu a aula matinal de costume; logo depois estava banhada, vestida, maquilada (fortemente), perfumada (penetrantemente) e pronta para a viagem de 400 metros do teatro ao Palácio.

Plisetskaya aquece-se para o seu número num corredor dos bastidores, sozinha e sem agitação; ela já dançou *A Morte do Cisne* literalmente centenas de vezes. Ela retesa os membros cuidadosa e discretamente. Enquanto no palco as árias se seguem aos duetos, a platéia enorme torna-se perceptivelmente indiferente. Então Plisetskaya, é anunciada: «... dançada pela Artista do Povo da U.R.S.S., laureada com o Prêmio Lenine, Maya Plisetskaya!» A sala enorme ressoa com gritos de aplauso, como num estádio. O projetor cai sobre Plisetskaya, e ela dança; as tosses desaparecem na platéia. Para esta platéia local de matinée, Plisetskaya faz uma exibição emocionalmente espetacular do balé antigo.

Quando desce a cortina, os aplausos são ensurdecadores e cheios de bravos. Plisetskaya vem à cena nove vezes. «Compreende agora?» indaga a caminho do camarim. «Não é uma questão de gostar pessoalmente da *Morte do Cisne*. Danço para *elas*, não para mim; o público espera algo de mim, e eu não tenho direito

de desiludi-lo. Como posso esquecer que as pessoas esperam alguma coisa bela de mim?»

Em termos soviéticos, Plisetskaya e Shchedrin são muito ricos. A prova mais patente da sua riqueza é possuírem dois carros, uma extravagância verdadeiramente assombrosa num país onde poucos particulares têm esperanças reais de comprar ao menos *um*. Usufruem também uma dacha no campo, localizada a 50 quilômetros a nordeste de Moscou, numa região intata muito pitoresca reservada às celebridades artísticas. Dito isto, entretanto, Plisetskaya não está melhor do que os cidadãos da classe média de qualquer país do Ocidente.

Vi-a vários dias depois no salão do Diretor-Geral do Bolshoi. Eu estava atrasado para o encontro. Maya ainda estava mais: tinha estado ensaiando um novo papel. Apareceu numa capa preta, longa, bem talhada, que a protege contra o frio depois de transpirar. Estava ligeiramente sem fôlego e mechas de grosso cabelo avermelhado caíam sobre o seu rosto ainda úmido. Na suave meia obscuridade do salão ela nunca pareceu mais bonita. Beijou-me o rosto, apertou minha mão e olhou diretamente para mim à maneira de Plisetskaya. Desejou-me boa sorte e retirou-se. A capa preta dançava atrás dela sobre o tapete carmesim. Toda a tarde senti o seu perfume no meu rosto, o cheiro maravilhoso de um sucesso conseguido por um temperamento indomável, decisão firme e uma violenta paixão pela perfeição.